
SERÁ QUE VAI MESMO FALTAR ÁGUA NO MUNDO?

Em primeiro lugar vamos deixar claro: Nada, mas nada mesmo justifica a não preservação das nossas fontes de água!!

Ultimamente vivemos um clima de “quase catástrofe” com a população sendo bombardeada com patrulhamentos, racionamentos, controles, etc. Uma delas é a decantada falta de água potável no mundo.

Não que sejamos antiecológicos. A preservação da água potável é fundamental. Conservar os recursos naturais é imprescindível. A reserva de água no mundo é finita, porém isto não justifica o clima “Armagedon” que mais uma vez, tenta-se instalar para o público em geral.

Divulga-se que temos menos de 1% (um por cento) de água potável no mundo e mesmo assim, com a maior parte congelada nos pólos. Os dados são corretos, só não se explica, porém, o que significa este valor. Um por cento é pouco? É muito? Qual o consumo da humanidade hoje? Qual a previsão de crescimento para daqui a 20, 50 ou 100 anos?

Sabemos que o crescimento da humanidade não é estático e que o volume de água no globo terrestre é finito, mas será que a quantidade de água “potável” é tão limitada? Poderíamos potabilizar outras águas? Não temos soluções alternativas de potabilização da água do mar? Afinal onde o Oriente Médio na sua maioria e outros países de regiões áridas como a África arranjam água potável? E os navios que cruzam os oceanos? Para não falar dos Submarinos nucleares que podem passar meses ou até ANOS sem reabastecimento?

O oceano sim é a grande fonte. Afinal ele representa 2/3 deste planeta “ÁGUA”.

Hoje existem várias tecnologias eficientes, como por exemplo, a Osmose Reversa de custo bastante acessível e já razoavelmente difundida para dessalinização da água do mar. Claro que o custo de produção é maior, porém do mesmo jeito que aconteceu com a popularização do computador o seu preço tende a cair com a economia de escala proporcionada pela disseminação do seu uso. Temos também, e já bastante utilizada, tecnologia suficiente para a reciclagem de águas servidas, que são normalmente desperdiçadas, despejadas “in natura”, aumentando a poluição ambiental.

Com o desenvolvimento destas novas tecnologias em breve será possível a existência dessalinizadores, ou recicladores de águas de baixo custo e portáteis (lembramos do que aconteceu com o celular e com o computador pessoal), mas será que não haverá a formação de um “cartório” para “homologar” a fabricação, distribuição e operação deste tipo de equipamento?

Claro que devemos preservar os nossos mananciais, não só pra não “faltar” água, como principalmente para manter a balneabilidade de Rios, Lagos, etc, reduzindo os problemas de saúde pública, estes sim, muito mais graves para a população comum e de baixa renda.

O custo de “produção” de água potável, com o crescimento populacional fatalmente irá crescer, onerando as classes mais desfavorecidas e a industria em geral. Será que os interessados no assunto estão preocupados com os problemas financeiros da população, ou com o PODER que isto representa? (Este sim, o grande objetivo dos interessados). Afinal, já começaram a cobrar direta ou indiretamente pelo uso de águas ditas “públicas” (Vide Código de águas, felizmente AINDA em vigor), com a criação de um dispositivo denominado Outorga de Água.

Não demora muito será criada uma nova “AGUABRÁS” para servir de cabide de emprego para tiranetes de ocasião que se locupletam com a pouca autoridade que tem.

Cabe lembrar que CONSTITUCIONALMENTE a água é um bem público, isto é, pertence a todos. Por isto nenhuma concessionária de água cobra pela água e sim pelo serviço de tratamento e distribuição. (Muito estranhamente isto não se divulga). Só que pelo andar da carruagem, muito em breve este bem precioso irá passar ao controle de uns poucos em detrimento de muitos.



Mais uma vez a população, isto é, a que SEMPRE PAGA A CONTA, deve ficar atenta aos “press release” divulgados muitas vezes disfarçados de “noticias” ou “reportagens científicas” e às declarações dos “formadores de opinião”, que podem induzir o cidadão comum, na maior parte das vezes inocente, a tomar posições contra os seus próprios interesses. Aliás, como sempre fizeram os políticos durante as campanhas eleitorais.

Salvador, 27/03/03

Pedro Michelon

